



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSÉ AUGUSTO ROCHA DE OLIVEIRA

**DIZER-SE POTIGUARA: UM ESTUDO SOBRE A REVITALIZAÇÃO DO TUPI
ANTIGO ENTRE OS POTIGUARA DA PARAÍBA**

Maceió
2024

JOSÉ AUGUSTO ROCHA DE OLIVEIRA

DIZER-SE POTIGUARA: UM ESTUDO SOBRE A REVITALIZAÇÃO DO TUPI ANTIGO ENTRE OS POTIGUARA DA PARAÍBA

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde, clínica e práticas psicológicas
Orientador: Prof. Dr. Cleyton Andrade

Maceió

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Girlaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

O48d Oliveira, José Augusto Rocha de.
Dizer-se Potiguara: um estudo sobre a revitalização do tupi antigo entre os
Potiguara da Paraíba / José Augusto Rocha de Oliveira. – 2024.
135 f.: il.

Orientador: Cleyton Sidney de Andrade .
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maceió,
2024.

Bibliografia: f. 126-135.

1. Psicanálise. 2. Línguas indígenas. 3. Índios Potiguara. 4. Tupi antigo -
Língua. I. Título.

CDU: 159.964.2: 81'28

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ AUGUSTO ROCHA DE OLIVEIRA

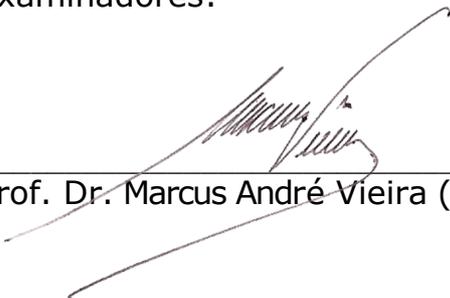
Título do Trabalho "DIZER-SE POTIGUARA: UM ESTUDO SOBRE A REVITALIZAÇÃO DO TUPI ANTIGO ENTRE OS POTIGUARA DA PARAÍBA".

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade (PPGP/UFAL)

Examinadores:



Prof. Dr. Marcus André Vieira (PPGP/PUC-RJ)

Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro (FFLCH/USP)

Prof. Dr. Saulo Luders Fernandes (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 31 de julho de 2024.



USPAssina - Autenticação digital de documentos da USP

Registro de assinatura(s) eletrônica(s)

Este documento foi assinado de forma eletrônica pelos seguintes participantes e sua autenticidade pode ser verificada através do código KX4J-6ZBQ-LTJK-ICQ2 no seguinte link: <https://portalservicos.usp.br/iddigital/KX4J-6ZBQ-LTJK-ICQ2>

Eduardo de Almeida Navarro

Nº USP: 92953

Data: 05/09/2024 12:08

*A minha avó, que se fez um nome e me ensinou
que isso de se fazer um nome é o que resiste à
morte*

AGRADECIMENTOS

Embora esta dissertação tenha sido escrita nos mais variados lugares – desde Recife a Salvador, passando por Arapiraca, Campina Grande, Baía da Traição, Rio Tinto, Maceió e Caruaru, seja dentro de um ônibus ou avião, caminhando nas ruas ou esperando nas filas (estes os momentos mais inusitados nos quais somos surpreendidos por uma ideia ou um parágrafo) –, ela não fugiu à regra – foi uma escrita marcada pela solidão. O percurso de uma pesquisa, no entanto, foi tecido por encontros transformadores. Reza a lenda que essa é a seção mais lida da pesquisa.

Agradeço a cada um que se fez presente.

A minha filha, Maria Flor, que um dia lerá as palavras de seu pai. Desejo que possa encontrar nessas páginas um pouco do sorriso que ela própria lança à vida.

A Bia, meu amor, a quem cada linha do que foi escrito não faria o menor sentido se não fosse dirigido a ela. Você sempre será minha melhor frase.

Ao meu orientador, Cleyton Andrade, por acolher esse projeto antes mesmo que tivesse um nome. Durante essa pesquisa, ele foi muitas coisas e outras tantas. Por seu exemplo, generosidade e coragem. Por ser um mestre budista, segundo a técnica *zen*, que com um pontapé cortava o silêncio, fazendo-nos procurar as respostas que estávamos prestes a descobrir. Foi dele, um homem negro, que ouvi uma frase memorável "enquanto houver um psicanalista negro ou indígena a psicanálise jamais será colonial". Agradeço profundamente.

A Marcus André Vieira, por me ensinar que para trazer novos significantes à psicanálise se faz necessário coragem.

A Flávia Cêra, por tecer uma psicanálise *perspectivista*, o que a meu ver significa singular.

A Saulo Luders Fernandes, por suas contribuições generosas e importantes.

A Eduardo Navarro, por ser um começo.

À Velha Guarda do grupo de pesquisa da PPGP e PPGLL da UFAL: Ana Eliza Lima, Emmerson Vinicius, Samuel Nantes, Aline Karolinne Oliveira, Melissa Barboza, Thalisson Nobre, Maria Gabriela, Nathalia Bezerra e – principalmente – Isadora Veiga.

A Jordânia Dantas, Willian da Silva, Lucas Monteiro, Maria Gomes, Marília, Samara Araújo e ao queridíssimo Sergio Assunção pelas tardes inesquecíveis no PPGLL da UFCG; sem esquecer de Paulo Ávila, pelo arsenal em linguística.

A Eduardo Gusmão, por me sugerir ler dois textos em antropologia que mudaram minha relação com o mundo – *Tristes Trópicos* e *Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galo balinesa*. Dali para a frente, tudo foi diferente.

A Glacy Gorski, por ter sustentado meu desejo por essa pesquisa: não uma, nem duas, mas três vezes. *Sehr Danke schön!*

A Tânia Abreu, que, pelo amor de transferência, me permite tentar dizer – num esforço de poesia – o impossível de ser dito.

A Marcelo Veras, por fazer presente, desde o início, seu desejo na minha formação – um dos nomes para a loucura de querer ser um psicanalista.

A minha mãe, que me fez amar às línguas estrangeiras como se fossem minhas.

A meu pai, pelo meu primeiro livro, que foi meu primeiro amor.

A minha irmã, Kyara Rocha, por ser, acima de tudo, resolutiva. E a Anna Isabel e Laura Cecília, minhas sobrinhas, por fazerem um mundo novo existir.

A Ivson Antonio, por ser um irmão.

A Welson Costa, por ter aberto duas portas para mim: a de sua casa e a do cinema de Pedro Almodóvar. A Ana Márcia Costa, pelos gestos de amor, sempre tão marcantes, em tudo que faz. E também a Ysabel Myrian e Luiza Aimée.

A Gabriel Faustino, com quem intermitentemente converso sobre as teses de Thomas Kuhn e a quem sempre pedirei, entre uma taça de vinho e outra, que me conte mais uma vez a disputa em torno de Niels Bohr e Albert Einstein. E a Risoide, que carrega o riso no nome.

A Walmiré Dimeron, por me apresentar a poesia de Carlos Paiva e os cancioneros lusitanos. À irreverência de Silvio Romero e à generosidade de Ana Lúcia Paes de Souza.

Ao Cacique Caboquinho, a quem serei um eterno aprendiz

Ao meu amigo Renato Morubixaba, por ter estado ao meu lado antes, durante e depois da tormenta. Se aprendi algo com você (e espero ter aprendido), é que a coragem é um atributo para poucos.

Aos meus amigos queridos, Ayron e Nathalia, interlocutores dionisíacos: donos dos melhores pratos, das melhores risadas e dos melhores papos. E, claro, dos melhores drinks. E karaokês. A tio Audemir, *in memoriam*, por ser o homem mais generoso que conheci, e a tia Vera, pela coragem de seguir em frente.

Aos meus amigos Karoline Stefane Artur do Nascimento Fernandes, Jônatas Freire dos Santos e Raí Pereira dos Santos, que atravessaram comigo os sete círculos do inferno que foi a pandemia.

A Naasson Santana, que vai encontrar nessa dissertação uma pessoa que lhe é familiar.

A minha amiga-irmã Karynna Barros da Nóbrega, pela escuta dos meus desatinos, pela generosidade das palavras, as quais sempre estarei aquém, mas pelas quais sempre serei grato.

Aos meus amigos: Marina Fragoso, por suportar meus excessos, sem você não seria possível seguir recolhendo as pedras do real ao longo deste caminho; Caio Varela, companheiro das noites inesquecíveis de discussão filosófica (*leia-se deleuziana*), seguidas de memoráveis epifanias (*leia-se lacanianas*) que não recordávamos no dia seguinte; além de Paulo Medeiros, Bruna Carolina Almeida e a arte de Kécia Andrade.

Aos colegas e amigos da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) que foram interlocutores dos primeiros esboços, quando tudo isto era um palimpsesto de ideias desorganizadas, mas que me moviam. Especialmente a Monica Hage, Cleide Pereira Monteiro e Gustavo Ramos da Silva.

Aos colegas e amigos do *PsiU*, um espaço vivo de clínica e partilha em meio ao fim do mundo que a psicanálise se ocupa de lidar desde sua invenção. Especialmente a Luiz Felipe Monteiro.

A todos que acreditaram nessa pesquisa. Ela não foi escrita apenas com minhas palavras, senão com meu corpo. Agradeço, ainda, a todos que me marcaram a vida com suas palavras e, infelizmente, não terão a oportunidade de ler por não estarem mais aqui.

Ao povo Potiguara da Paraíba, os gentios bravos, que se recusaram a sair de seu território.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), cujo fomento financeiro viabilizou a execução da pesquisa.

*A gente nasce, a gente cresce, a gente morre,
mas o nosso povo continuará nessa terra para
sempre*

AFORISMO POTIGUARA

RESUMO

Esta dissertação parte da inicialmente da experiência de seu autor com a língua e a etnia, o povo Potiguara da Paraíba. Discute o processo de revitalização linguística, que ocorreu no início dos anos 2000, a partir do ressurgimento do *tupi* antigo. Nesse sentido, almeja investigar qual a implicação da revitalização de uma língua ancestral para uma etnia. Há, em seu escopo, três declinações ao examinar tal questão em torno da língua — a relação desta com a história, com pensamento e, ao final, o pertencimento. No primeiro capítulo, discute a relação entre língua e terra, retomando a chegada dos primeiros europeus e modo como representavam os indígenas e a língua que falavam – da inexistência no relato de Pero Vaz de Caminha até as considerações de Pero de Magalhães Gandavo –, bem como as primeiras gramáticas dos Padres Anchieta e Figueira. No segundo capítulo, apresenta como o estruturalismo, encabeçado por Claude Lévi-Strauss, valeu-se do pensamento indígena para sua existência ao propor a transposição das línguas e pensamento por meio da linguagem. No terceiro capítulo, se discute o que significa *Dizer-se Potiguara*. Os Potiguara ensinam, acerca do uso que fazem do tupi, é que esta experiência se assenta numa heteronomia. É deste lugar que podem constituir-se: a língua ocupa o lugar de extimidade. *Dizer-se Potiguara* é um modo de pensar e ser dos Potiguara.

Palavras-chave: Potiguara; revitalização do tupi antigo; Psicanálise; Decolonialidade.

ABSTRACT

This dissertation initially starts from its author's experience with the language and ethnicity, the Potiguara people of Paraíba. The process of linguistic revitalization, which occurred in the early 2000s, following the resurgence of Old Tupi, is discussed. In this sense, we also investigated the implications of revitalizing an ancestral language for an ethnic group. There are, in its scope, three declinations when examining this issue around language — its relationship with history, with thought and, in the end, belonging. In the first chapter, it discusses the relationship between language and land, returning to the arrival of the first Europeans and the way they represented the indigenous people and the language they spoke – from the non-existence in Pero Vaz de Caminha's account to the considerations of Pero de Caminha Magalhães Gandavo –, as well as the first grammars of Fathers Anchieta and Figueira. In the second chapter, it presents how structuralism, led by Claude Lévi-Strauss, used indigenous thought for its existence by proposing the transposition of languages and thought through language. In the third chapter, we discuss what it means to say Potiguara. The Potiguara teach, regarding their use of the Tupi, that this experience is based on heteronomy. It is from this place that it can be constituted: language occupies the place of extimacy. Calling yourself Potiguara is a Potiguara way of thinking and being.

Keywords: Potiguara; revitalization of old tupi; Psychoanalysis; Decoloniality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ame-o ou emancipe-o	48
Figura 2 - Foucault, Lacan, Lévi-Strauss e Barthes com vestes indígenas	56
Figura 3 - Arbor/Equos	65
Figura 4 - Signo	65

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	- Primeira turma do curso de tupi Baía da Traição -PB	16
Fotografia 2	- Eduardo Navarro discursando	17

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Terra Indígena Potiguara	18
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro1	- Análise de Meader sob levantamento de Wagner	51
---------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CELIN	Centro de Documentação de Línguas Indígenas
CTL	Coordenação Técnica Local
EBP	Escola Brasileira de Psicanálise
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
TI	Terras indígenas
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1	A LÍNGUA QUE CABRAL OUVIU	25
1.1	As páginas dos viajantes	26
1.2	Primeira Grande Extinção Moderna	33
1.3	Sem F, sem L, nem R; sem fé, sem lei, nem rei	34
1.4	Novo Mundo e a Nova Humanidade	36
1.4.1	Os primeiros tupinólogos	41
1.5	O Direito à voz aos derrotados	42
1.5.1	De Potiguara a caboclo	44
1.5.2	17 palavras	48
CAPÍTULO 2	O BANQUETE ESTRUTURALISTA	56
2.1	O estruturalismo, uma apresentação	58
2.1.1	A Ciência do signo	61
2.2	Os gêmeos desiguais	71
2.2.1	O primeiro gêmeo	72
2.2.1.1	O que faz nascer um etnógrafo	72
2.2.1.2	Lévi-Strauss e a psicanálise ou Lévi-Strauss com Freud	77
2.2.1.3	A passagem da natureza para a cultura	78
2.2.1.4	A antropologia estrutural	83
2.2.1.5	Xamanismo e psicanálise	87
2.2.2	O segundo gêmeo	89
2.2.2.1	Estruturado como uma linguagem	89
2.2.2.2	Lacan com Lévi-Strauss	93
2.2.2.3	O pensamento selvagem em Lacan	99
2.3	A identidade não pode durar	101
CAPÍTULO 3	DIZER-SE POTIGUARA	103
3.1	Memórias em cinzas	103
3.1.1	Etnocídio	105
3.1.2	17 anos depois	106
3.2	Psicanálise e língua	111
3.3	Reviravoltas decoloniais	117
3.4	Dizer-se Potiguara	121
	CONCLUSÃO	124
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126